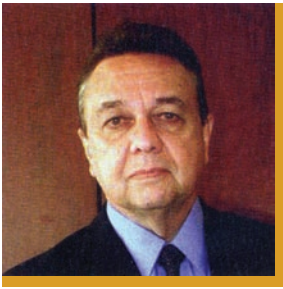


Diário de bordo

Formar gente para o agro



Roberto Rodrigues*

TENHO RECEBIDO de todos os lados informações de que falta mão de obra. Na construção civil, fala-se muito da inadimplência de empreiteiros que não conseguem encanadores, carpinteiros, eletricitas e marceneiros e, com isso, atrasam suas obras, onde faltam também engenheiros. Aliás, grande parte dos engenheiros formados em nossas melhores escolas vai para o sistema financeiro: os bancos descobriram que a formação básica destes profissionais (matemática, cálculo, lógica) é bem aplicada por eles na área de finanças. Por isso, os engenheiros acabam deixando de lado a construção civil (inclusive obras públicas), o setor de projetos, a indústria química e mecânica, a área de eletroeletrônica, manutenção etc. E isso é mais um problemão para organizar nossa infraestrutura para a Copa de 2014...

Também ouço queixas de grandes escritórios de advocacia quanto à qualidade de parte dos novos formados; e ainda mais, faltam médicos para o interior: todo mundo quer ficar nos grandes centros, o que é natural.

Mas além dos profissionais universitários, é geral a queixa pela carência de técnicos de nível médio, os verdadeiros tocadores de projetos: falta mais enfermeiro que médico!

Para superar este problema, que não se resolve da noite para o dia, o Sistema S vem trabalhando duro: Sesi, Senai, Sesc, Senac, Senat, Sebrae e seus congêneres estão lutando para formar gente capaz.

E na agricultura, como está isso? Não é muito diferente. O interesse do mundo todo pelo nosso agro vem produzindo uma demanda incomum por profissionais habilitados a tocar empreendimentos rurais, sejam na agricultura, na pecuária, na indústria de insumos ou na de transformação. Gente que entende de meio ambiente, de tributação, de logística, de serviços como crédito e seguros ficou importante. Consultoria e planejamento voltaram à moda. Investimentos nacionais e internacionais reclamam gestores capazes.

A competitividade a que nossos produtores rurais foram submetidos pelos Planos Collor e Real (com estabilização interna da moeda e abertura comercial externa sem proteção) exigiu

que eles se amparassem em dois grandes pilares: tecnologia e gestão.

A primeira – tecnologia – estava mais ou menos disponível. Nossos órgãos de pesquisa e universidades tinham conhecimento acumulado para ser repassado. Mas a sua transferência para o campo exigiu profissionais bem treinados em assistência técnica e extensão rural. Com a ajuda das cooperativas agropecuárias, esta parte deu certo, e os saltos de produtividade são a prova disso.

Mas a segunda parte – gestão – foi bem mais complicada: com a inflação de 80% ao mês, não havia necessidade de cuidados maiores, criou-se a cultura da ineficiência. Isso acabou. O produtor moderno precisa ser bom em gestão comercial, financeira, tributária e fiscal, de recursos humanos, ambiental, de manutenção etc. Suas cooperativas e agroindústrias também. Até os órgãos de P&D dependem de bons gestores.

Estamos bem nisso? Mais ou menos.

As universidades vêm formando técnicos em todos os níveis. Segundo os poucos dados disponíveis, no ano passado elas graduaram cerca de 6.500 engenheiros agrônomos, 5.000 zootecnistas, 6.000 médicos veterinários, 4.000 engenheiros florestais e mais uma boa leva de gente especializada em meio ambiente, administração, engenharia rural etc.

Mas nem sempre com boa formação em gestão. E aqui também faltam os técnicos de nível médio. Neste ponto, o descasamento é gritante, e não estamos formando suficientes gerentes e administradores de fazendas, capatazes e chefes de escritório ou oficina. O Sistema S também tem ajudado neste capítulo. Em 2010, o Senar treinou 686,6 mil profissionais. O SESCOOP treinou 197,8 mil pessoas para cuidar das cooperativas.

Mas a demanda é brutal. Só a FGV, até maio deste ano, está oferecendo 20 MBAs em agronegócio em todo o País, e mais ainda é necessário. Cerca de 712 profissionais estão estudando aí. Tema? Gestão rural... ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal